



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de comemoração dos 71 anos da Confederação Nacional da Indústria (CNI)

Brasília-DF, 12 de agosto de 2009

Com este colar, agora estou mais importante aqui... Tira bastante foto aí, Stuckinha, que o mandato termina logo.

Meu caro amigo presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer,
Minha companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,
Ministro Guido Mantega, da Fazenda,
José Gerardo Fontelles, interino da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Fernando Haddad, ministro da Educação,
Juca Ferreira, ministro da Cultura,
Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Luiz Barretto, ministro do Turismo,
José Múcio Monteiro, da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência,

E o nosso companheiro Altemir Gregolin, Ministro da Pesca e Aquicultura,

Meu caro amigo Paulo Octávio, vice-governador do Distrito Federal, representando aqui o governador Arruda,

Meu caro companheiro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco,

Senador Roberto Cavalcanti,
Deputados Albano Franco, ex-presidente desta Casa, Ricardo Barros, Nelson Marquezelli, Bruno Araújo, Fábio Ramalho, Carlos Eduardo Cadoca,



Sílvio Costa, Átila Lira, Laurez Moreira, Sandro Mabel, Henrique Eduardo Alves, Cândido Vaccarezza, Wolney Queiroz, Ana Arraes, Gerson Peres, Rocha Loures, José Chaves e Gonzaga Patriota, o homem que tem mais filhos no Brasil, hoje,

Deputado Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação Nacional da Indústria, em nome de quem cumprimento os presidentes de Federações de Indústria e das associações patronais presentes,

Meu caro amigo Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,

Meu caro Manuel Martins, diretor nacional do Senai,

Meu caro Antônio Carlos Brito, superintendente do Sesi nacional,

Senhoras e senhores do corpo diplomático,

Eu estou vendo o Meneguelli aqui. Não vou citá-lo por conta do Sesi, mas vou citá-lo como companheiro que me sucedeu no Sindicato de São Bernardo do Campo, e hoje presidente do Sesi,

Meus amigos e minhas amigas,

Companheiros da imprensa,

Fotógrafos – se tivessem que pagar R\$ 0,01 por cada foto não tirariam tantas.

Meus companheiros e companheiras,

Antes de mais nada, quero agradecer esta homenagem da Confederação Nacional da indústria, retribuindo-a com entusiasmo, e não se trata aqui de um mero gesto protocolar. A CNI é que está de parabéns. Esta Confederação, do alto dos seus 71 anos de luta pela industrialização, é um dos pilares inestimáveis da construção do nosso querido Brasil. Líderes pioneiros desse processo, como Euvaldo Lodi e Roberto Simonsen, fundadores ilustres desta Confederação, ousaram acreditar no Brasil e na capacidade industrial de um país que muitos pensavam que estava condenado – pelas vantagens relativas de seus recursos naturais – a ser uma eterna economia primária.



Sem renunciar às suas convicções, Lodi e Simonsen uniram-se, assim, aos esforços de Getúlio Vargas em várias frentes, em diferentes momentos. Ajudaram, então, a pavimentar o caminho da industrialização e da soberania econômica, firmando as bases de uma identidade econômica que marcaria a face do Brasil para sempre.

Entre outras iniciativas, nasceu dessa parceira desassombrada o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, o nosso precioso Senai que, desde 1942, já qualificou mais de 40 milhões de jovens brasileiros para o mercado de trabalho.

Aqui eu queria fazer uma homenagem aos meninos e meninas que estão de verde ali, que me parece que são estudantes do Senai. Quando vocês tiverem a minha idade, vocês vão poder contar, em debate com amigos, o que serviu para vocês essa formação profissional. Eu espero que a minha trajetória sirva de exemplo a cada um de vocês. Usufruam desse aprendizado mas, pelo amor de Deus, não parem por aí. Esse é apenas o início de um jogo que vai ter muito tempo pelo frente. Parabéns a todos vocês.

Um deles, um torneiro mecânico formado na turma de 1962, tornar-se-ia, 41 anos depois, o 39º presidente da República do Brasil. Um presidente que jamais esquecerá o valor do aprendizado profissional na vida da juventude pobre desta nação.

Aqui, todos lembram, na Constituinte, quantas vezes naquele plenário da Constituinte se discutiu o fim do Senai, quantas vezes. Possivelmente, alguns companheiros nossos dotados de boa vontade, de bons princípios, mas que não tinham – não é, Albano? – a menor noção do que era um curso profissional para um jovem pobre, que naquele tempo não tinha perspectiva de ir para a universidade. Graças a Deus, nós vencemos aquela batalha e hoje está o Senai mais robusto, mais forte, mais credenciado, com tantos anos de experiência, para vender ensinamentos à juventude brasileira, sobretudo à mais carente.



E exatamente por isso – esse é um dado muito importante para mim –, quando eu disse que jamais esqueceria o curso do Senai... e talvez seja exatamente por isso que nós vamos entregar, até o final de dois mandatos – oito anos – 214 escolas técnicas aos meninos e meninas deste país, 52% mais que o total entregue por todos os governantes que o antecederam, em 96 anos de história das escolas técnicas profissionais.

Creio, sinceramente, meu caro amigo e companheiro Armando Monteiro, creio, sinceramente, minhas senhoras e meus senhores, que a homenagem de hoje destina-se, na verdade, a uma ampla conjugação de iniciativas históricas que este governo teve a humildade de reconhecer e de incorporar. Teve, ademais, a coragem de definir esse conjunto de políticas públicas com o objetivo primordial de incluir socialmente milhões de brasileiros e brasileiras que viviam na soleira da porta, do lado de fora do mercado e da própria cidadania.

Teve, enfim, a capacidade de reorientar energias e potencialidades para, desse modo, destravar a roda da economia, redimir o papel condutor do investimento produtivo e recolocar a coordenação pública do desenvolvimento de volta à agenda do Estado brasileiro. Esse conjunto de programas devolveu ao mercado de consumo de massas seu papel intransferível de fiador da escala da eficiência e da competitividade do nosso parque industrial na concorrência globalizada do século XXI.

Meus caros amigos e amigas,

Esse conjunto de circunstâncias e iniciativas explica, em grande parte, o momento ímpar vivido pela economia brasileira. Nosso país foi atingido pelas consequências negativas da crise surgida nos países desenvolvidos, como não poderia deixar de ocorrer neste mundo globalizado. Mas nós soubemos reagir, tomando iniciativas, ouvindo a sociedade, atuando em sintonia com as necessidades da produção e da geração de emprego.

O Brasil emerge da pior crise mundial, desde 1929, com um patrimônio



de credibilidade reconhecido tanto aqui como lá fora. E isso não acontece por acaso. Dependeu, essencialmente, de medidas políticas corajosas e negociadas com amplos setores da nossa sociedade. O fato é que o ciclo de ajuste de nossa economia foi concluído. As curvas do emprego e da atividade industrial sinalizam uma retomada do crescimento no segundo semestre, confirmado pela maior confiança da indústria e do investidor externo. Preservamos a renda e o consumo das famílias no pior momento. Garantimos, assim, o oxigênio à expansão das vendas no varejo. Nossas exportações se recuperaram e a perspectiva é de um aumento dos embarques industriais já neste segundo semestre.

Diante desse quadro, seria um equívoco imaginar que o fluxo de capital estrangeiro ao País reflete apenas o lado da especulação financeira. Temos o menor patamar de juros da nossa história. É desejável e possível cortar ainda mais. Mas o que explica, de fato, o redobrado interesse do capital estrangeiro em nosso mercado é a solidez da economia e a confiança no rumo que o Brasil adotou.

Além disso, cresce a cada dia a certeza de que o futuro do nosso país será muito melhor, e isso se deve, inclusive, às perspectivas fantásticas abertas pela nova descoberta da Petrobras: o pré-sal. O fato novo é que o Brasil poderá se tornar um grande exportador de derivados de petróleo nos próximos anos. Em outras palavras, caminhamos para nos tornarmos uma economia estruturalmente superavitária nas contas externas, como dizem os economistas que, como o Guido, fizeram a Getúlio Vargas.

E não há dúvida de que os investidores estrangeiros enxergam tanto a situação atual, como divisam bem o que nos espera à frente. É, sobretudo, esse horizonte que precisamos enxergar também para além de disputas menores e divergências mesquinhas na política nacional. Temos um bom problema. Aliás, um excelente problema: o Brasil precisa gerar uma nova massa crítica capaz de pensar os desafios do desenvolvimento para além de



uma economia tradicionalmente deficitária e dependente de poupança externa.

É justamente esse horizonte que leva o nosso governo a propor salvaguardas à destinação da renda do petróleo. Trata-se de garantir que essa riqueza fique em nossa economia, e não apenas fique, mas se constitua no marco fundamental de um novo ciclo de expansão industrial. Muito maior e mais sofisticado que o ciclo anterior de substituição de importações, porque ancorado agora em soberania financeira, tecnologia de ponta e inserção competitiva no mercado mundial. E, acima de tudo, algo de que sempre nos ressentimos em toda a trajetória do nosso desenvolvimento: o acesso a uma educação de qualidade para todos os filhos e filhas desta terra. Creio que Lodi e Roberto Simonsen, sem dúvida, festejariam ao nosso lado esse horizonte encorajador.

Minhas senhoras e meus senhores,

As transformações que se aproximam jamais germinariam nos marcos de uma economia endividada e dependente. Seriam desperdiçadas em um sistema industrial acanhado, incapaz de gerar os efeitos multiplicadores que um arranque histórico dessa natureza propicia. Felizmente, não é o caso brasileiro. Temos o segundo maior e mais diversificado parque industrial entre as economias emergentes do Planeta, só inferior ao da China. Nosso mercado de consumo de massa já reúne 100 milhões de pessoas, tendo se confirmado nessa crise como um contrapeso decisivo à contração da economia internacional.

Hoje, o consumidor, com renda média de até R\$ 1.400 já compra quatro de cada dez computadores vendidos no Brasil; movimenta sete de cada dez cartões de crédito; e contrata 70% do crédito imobiliário da Caixa Econômica Federal, que atende a 77% dos financiamentos do setor.

Portanto, é sobre essa moldura, sobre esse ponto de apoio sólido, que vem se apoiar a alavanca do pré-sal: um sistema financeiro diferenciado que ampliou em 10% o volume de crédito em plena crise mundial, totalizando agora



43% do PIB, três vezes mais do que o volume disponível em 2003.

Hoje o Banco do Brasil, sozinho, cobre 2/3 de todo o crédito de que o País dispunha há seis anos. Somente o Banco do Brasil cobre 2/3 do crédito que todo o País tinha apenas seis anos atrás. Temos orgulho de ter devolvido essa vocação ao BNDES. O maior banco de fomento público da América Latina desembolsa, hoje, quase o triplo de recursos liberados pelo Banco Mundial e pelo Banco Interamericano juntos.

Nos últimos 12 meses, até junho, foram 59 bilhões em financiamentos para a agropecuária, a indústria, o comércio e o setor de serviços, com um salto de 20% em relação ao ano anterior. Outros 100 bilhões do Tesouro estão alocados para equacionar todos os flancos de financiamento desguarnecidos pela crise mundial. Só faz isso uma nação que dispõe de um Estado e de um governo comprometidos com a agenda histórica da industrialização, que esta CNI sempre encarnou.

O fato é que, muito antes da crise, desde o primeiro dia do nosso primeiro mandato, já vínhamos conduzindo o Brasil a vencer, na prática, o ciclo de atrofiamento econômico e de subordinação da indústria do crescimento à especulação financeira, que marcou nosso país durante tanto tempo. Em plena crise, o que o nosso governo fez foi aumentar em R\$ 455 bilhões o total de investimentos previstos no PAC, um programa duplamente premonitório. Antecipamos políticas públicas contracíclicas, que o mundo todo agora busca estruturar e, ao mesmo tempo, acionamos a indispensável ampliação logística para o ciclo de desenvolvimento do pré-sal.

Fizemos isso, meu caro Armando Monteiro, sem abrir mão da qualidade da política fiscal. Numa lista de 43 países, o Brasil sai desta crise com o segundo menor déficit fiscal público do Planeta, algo em torno de 2% do PIB contra 4% no caso da China, e quase 6% na contabilidade antes rigorosa da União Europeia. Nenhuma dessas premissas era reconhecida como legítima, possível ou desejável pelo receituário econômico e político que levou o mundo



ao colapso atual.

Creio que estamos no caminho certo. Vencemos provas cruciais, e hoje estamos diante de uma nova oportunidade da história, equivalente, em sua importância, àquela abraçada pelos fundadores da CNI há 71 anos, quando decidiram lutar pela industrialização do nosso país. Estou certo de que venceremos se tivermos o mesmo desassombro que eles tiveram.

Muito obrigado, Armando, e pode ficar tranquilo que, para você, falta um ano e quatro meses para terminar o meu mandato. Para mim, eu estou começando o segundo mandato agora, porque a vontade de fazer mais é muito maior do que em janeiro de 2007. Eu espero que dentro de algumas semanas, Armando, nós estejamos em um plenário como este, discutindo uma coisa que falta para o nosso país que é, verdadeiramente, utilizar toda a capacidade de investimento que o País tiver, e inovação tecnológica, para a gente dar o salto de qualidade que o Brasil precisa nessa competição globalizada.

Muito obrigado pela homenagem, Armando. Muito obrigado aos empresários. E que Deus continue fazendo com que o Brasil tenha um presidente que tenha sorte, tenha empresários que tenham sorte, tenha um povo que tenha sorte, porque sem sorte nem goleiro do Náutico ou do Sport consegue segurar o seu time.

Um abraço e obrigado.

(\$211A)